

Luís Filipe Rodrigues, *Desenho, criação e consciência*

por Rui Sousa

APECV / Instituto Politécnico de Beja, Portugal

“Desenho, criação e consciência” de Luís Filipe Rodrigues (Books on Demand, 2010, 407 páginas) traz-nos uma reflexão, reforçada pelo testemunhos de vários artistas portugueses, materializada num diferente olhar para o processo inerente ao desenho.

Esta obra surge pela tese de mestrado do autor, em Educação Artística na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, e estrutura-se em quatro partes: introdução; contexto teórico do desenho e áreas transversais; entrevistas aos atores de criação; e, conclusão.

A nota introdutória desta obra, entre várias outras perguntas, aponta uma pergunta que se considera ser guia de toda a investigação. Essa pergunta é “Será o desenho criativo, para o seu autor, uma procura de sentido e de uma consciência mais alargada de si próprio?” e terá a resposta durante todo o desenvolvimento da obra, começando pela fundamentação teórica da parte II, correspondente do capítulo 1 ao capítulo 6:

- o cap. 1 “a realidade e as especificidades do desenho” desenvolve a relação do desenho enquanto processo relacional espaço-tempo; corporeamente; bem como também, através da escolha dos suportes, materiais e instrumentos. Relação esta que é capaz de construir sentido/significado nas imagens (informação) através da linguagem e expressão, vividas e geradas pelo autor, através do contexto real e/ou imaginário;
- o cap. 2 “a relação eu-não-eu e a relação eu-eu” dá continuidade à construção do ser gerada pelo contacto, quer no mundo objetivo (envolvente), quer no subjetivo (autor) onde interferem, entre outros aspetos, a imaginação, os afetos e as emoções;
- o cap. 3 “a intuição e a razão” aponta a influência da experiência prévia (aculturação) no direcionamento do pensamento e ações, quer de forma consciente, como inconsciente. Neste contexto, é desenvolvido o processo intuitivo do desenho como essencial para intervir na “razão” podendo, com o apoio das emoções, potenciar ou não a criatividade;
- o cap. 4 “cognição no contexto do desenho” o desenho, enquanto aprendizagem física e mental, é revisto como meio imprescindível ao co-



Título: *Desenho, criação e consciência*

Autor: Luís Filipe Rodrigues

Ano: 2010

Editora: BonD - Books on Demand
407 páginas

ISBN: 9789898060112

- nhecimento, criação e cultura, intensificado pela prática e relação entre visão e percepção. Aqui se referem ainda quais as condições essenciais para que a aprendizagem do desenho aconteça de forma latente, e com base na intuição e desenvolvimento da percepção visual;
- o cap. 5 “o fenómeno da consciência no desenho-processo para o encontro de sentido”, recorre a interessantes legados teóricos como os de António Damásio. Neste contexto, a obra retoma o desenho, enquanto processo de criação/representação, como meio de conhecimento/“descoberta”/ diálogo entre si (e meio envolvente) explicando a prática, através do desenho, como geradora de consciência;
 - o cap. 6 “o contexto da criação”, baseado também no criador do desenho e suas vivências (sistema tácito), analisa o processo espontâneo criativo através do equilíbrio entre esforço e, nomeadamente, prazer como forma de recompensa e valorização pelo outro.

Toda esta abordagem, com uma reflexão constante no final de todos subcapítulos, presentes nos capítulos referidos, é posteriormente posta numa investigação de campo de onde são recolhidas e analisadas várias entrevistas e retiradas as devidas conclusões (Parte III e IV, respetivamente). Os entrevistados foram: Alberto Carneiro, escultor; Alcino Soutinho, arquiteto; Álvaro Siza Vieira, arquiteto; Ângelo de Sousa, pintor; António Pedro, escultor; Jaime Silva, pintor; José Rodrigues, escultor; Lagoa Henriques, escultor; Luísa Arruda, pintora; Luísa Gonçalves, escultora; Mário Bismark, pintor; Pedro Saraiva, pintor; e Vítor Silva, pintor. No final da obra, e após a bibliografia, é possível aceder ao anexo de todas as entrevistas.

A parte III debate o guião das entrevistas, aos artistas referidos, que tentam responder à pergunta inicialmente formulada e vão de encontro com as inferências retiradas da fundamentação teórica. No entanto, como podemos constatar, todos os artistas escolhidos: usam o desenho como meio de criação; são reconhecidos; frequentaram e, comutativamente, ministraram também a disciplina de desenho.

Finalmente, quanto às conclusões (Parte IV), deixamos aqui em aberto qualquer referência para que o leitor as possa analisar e perceber de forma pessoal. No entanto, são apontadas várias direções em resposta à ideia do desenho criativo como fenómeno relacional: percepção - pensamento deliberado - pensamento intuitivo, fonte de motivação e autoconhecimento por parte do criador e, meio de reflexão do meio envolvente.